

‘Vazio’ no PT fez Dilma candidata, diz Tarso

De saída do cargo, ministro da Justiça afirma que, não fosse o mensalão, partido teria ao menos negociado com Lula

Petista minimiza suposta falta de carisma da ministra, diz que Serra não é ‘a miss simpatia’ e que Ciro ‘tem respostas bastante duras’

VALDO CRUZ
DA SU CURSAL DE BRASÍLIA

De saída do cargo, o ministro Tarso Genro (Justiça) avalia que o presidente Lula escolheu sozinho Dilma Rousseff candidata porque havia um “vazio” no PT, que estava “fragilizado” pelo mensalão. Não fosse isso, o partido “no mínimo faria uma negociação com o presidente”, que “agiu corretamente”.

Candidato ao governo do Rio Grande do Sul, o petista diz que a eleição de Dilma para suceder Lula não é “garantida”, mas aposta que ela é competitiva.

Rival político da mineira radicada no Sul, o ministro diz não ser adversário dela, com quem chegou a cogitar disputar a indicação de Lula —nunca “seriamente”, afirma.

Tarso relativiza a suposta falta de carisma da chefe da Casa Civil ao analisar os adversários: “Veja o Serra. Não diria que ele é propriamente uma miss simpatia. O Ciro tem às vezes respostas bastante duras”.

Questionado se há garantia de que o mensalão não se repetirá, o chefe da Polícia Federal responde: “Nenhuma”, e defende a reforma política.

Sobre a mais recente polêmica em que se envolveu, a discussão sobre a Lei da Anistia, ele insiste que ela não se aplica aos torturadores, mas lembra que sua pasta deixou de liderar o debate por ordem de Lula.

A seguir, trechos da entrevista feita ontem em Brasília.

FOLHA - O sr. comandou duas áreas, Segurança Pública e Educação, que, ao fim do governo, deixam a impressão de que não decolaram. Sai com um sentimento de frustração?

TARSO GENRO - Pelo contrário, saio com a sensação de dever cumprido. Posso dar exemplos. Na Educação, a implementação do Fundeb, do ProUni, da ampliação do ensino superior, de um programa revolucionário de escolas técnicas, tudo anacrônico no trabalho que eu e Fernando Haddad planejamos.

FOLHA - E na Segurança, uma das áreas com pior avaliação?

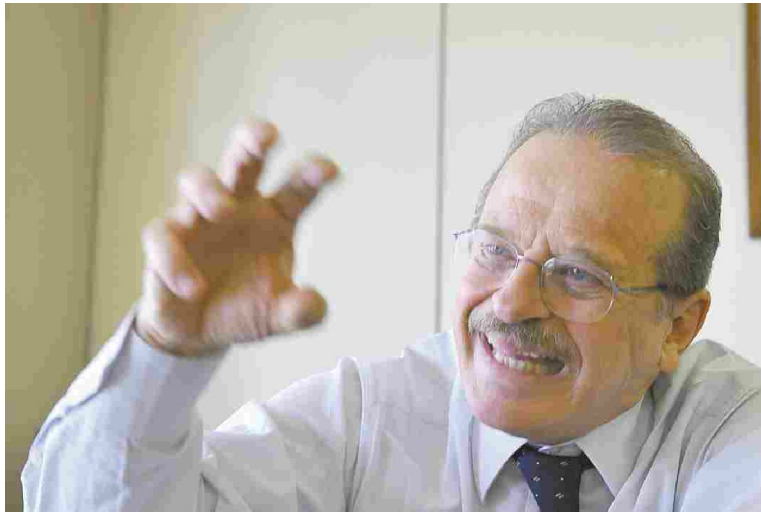
TARSO - Coisa que começou a mudar com essa última pesquisa, nessa semana. Pela primeira vez, as pesquisas mostram que a sensação de segurança começou a melhorar no país.

FOLHA - O governo demorou a acordar para essa área?

TARSO - Em primeiro lugar, a situação da segurança pública é mais complexa num país como o Brasil. Em segundo, as condições preparatórias para que a União conseguisse a intervenção nesse processo foram realizadas de forma muito lenta. Em terceiro porque não havia uma confiança nas relações federativas, que seriam produtivas.

FOLHA - Além dessas duas áreas, o sr. atuou também na coordenação política. Nesse setor, o presidente Lula não rompeu com uma prática antiga de distribuição de cargos, classificada de fisiologismo. Por que ele não quebrou esse paradigma?

TARSO - Esse paradigma só vai ser quebrado com uma profunda reforma política. Se não a fizermos, o próximo governo vai padecer dessas limitações e essas práticas vão continuar.



O ministro da Justiça, Tarso Genro, em entrevista em seu gabinete, onde disse que casos como o mensalão podem voltar a ocorrer



Nenhuma garantia, esses episódios [mensalão] voltarão a ocorrer. Em maior ou menor grau, essas debilidades irão aparecer em quaisquer governos

[O pior momento do governo Lula] foi naqueles primeiros dois anos, o chamado mensalão. Foi um momento difícil

FOLHA - Não faltou vontade política ao presidente para essa reforma?

TARSO - Faltou vontade não do presidente, mas do governo. O governo é um sistema complexo de relações de poder.

FOLHA - O PT, ao contrário do que pregava quando na oposição, adotou uma política de aparelhamento do Estado, como classificado pela oposição. Por que esse modelo?

TARSO - Acho uma premissa falsa de origem. Porque um partido que ganha as eleições tem o dever político de ocupar os cargos de confiança para tocar a administração pública. O que existe no Brasil, na verdade, não é uma prática inaugurada pelo PT, mas um excesso de cargos disponíveis para serem designados por nomeação.

FOLHA - Mas não seria ideal ter uma redução desses cargos em busca de uma máquina mais estável?

TARSO - Sim, estou de acordo, isso é necessário, mas também essa reforma estrutural do Estado brasileiro só será possível com outro sistema político.

FOLHA - Qual foi o pior momento do governo Lula?

TARSO - Aqueles primeiros dois anos, no chamado mensalão. Um momento muito difícil.

FOLHA - Como garantir que aquele episódio não volte a ocorrer?

TARSO - Nenhuma garantia, esses episódios voltarão a ocorrer. Em maior ou menor grau, essas debilidades irão aparecer em quaisquer governos, porque os problemas que ocorreram ali têm origem nas movimentações políticas tradicionais, fisiológicas ou regionais. Por dentro desse processo ocorrem ou não ilegalidades. Frequentemente ocorrem.

FOLHA - Inclusive no PT?

TARSO - Eu acho que no PT vai diminuir bastante a taxa de tradicionalização da política, em função da experiência pelo próprio mensalão. Acho que o PT aprendeu ali uma dura lição.

FOLHA - A direção daquele momento está voltando agora ao poder no PT, como o ex-ministro José Dirceu. Isso é bom para o partido?

TARSO - Acho normal que isso aconteça, até porque são pessoas com currículo político antigo na formação do partido, na história política do país. É natural que voltem. E não foram julgadas nem condenadas, no Brasil não há morte civil, essas pessoas têm direito de voltar à atividade política, por mais divergências que eu possa ter, o que não me impede de conviver com elas no partido.

FOLHA - A escolha da ministra Dilma como candidata a presidente, feita exclusivamente por Lula, sem prévias, não foi um retrocesso na linha de democratização do PT?

TARSO - Ocorre que o partido estava fragilizado em função daqueles acontecimentos. Tinha de ter alguém que tivesse um mandato subjetivo do partido para isso. E foi isso que o Lula fez, num vazio de vida partidária, apresentou a candidatura da Dilma como de composição, que não permitisse que os grupos políticos passassem a disputar a indicação. Acho que o Lula agiu corretamente porque havia um vazio de capacidade decisória sobre o assunto.

FOLHA - Mas a escolha de uma candidata sem tradições no partido, a imposição de uma neófito no PT...

TARSO - Neófito no partido, mas uma antiga companheira da esquerda.

FOLHA - Se fosse um outro momento, teria sido diferente?

TARSO - Se o partido não tivesse passado por aquela crise, obviamente teria sido um sujeito político muito mais ativo na escolha. No mínimo, faria negociação com o presidente, que não teve condições de fazer.

FOLHA - Como é ter uma antiga adversária disputando a Presidência pelo seu partido?

TARSO - Nunca olhei a Dilma

Nunca olhei a Dilma como adversária. Fomos até vizinhos, inclusive convivíamos cotidianamente no meio da esquerda

Esses [os torturadores], eu e o Paulo Vannuchi [ministro dos Direitos Humanos] defendemos, não estão contemplados pela Lei da Anistia



como adversária. Ela foi do PDT no Rio Grande do Sul e a conheço há 30 anos. Fomos até vizinhos, inclusive convivíamos, não cotidianamente, no meio da esquerda durante o regime militar. Sempre tivemos uma relação muito boa.

FOLHA - O sr. foi cotado para ser o candidato do PT, disputando a indicação com a ministra Dilma. Não ter

sido frustra o senhor?

TARSO - Nunca seriamente, porque nunca fui maioria dentro do partido. Para ser candidato, teria de ser indicado pelo presidente ou maioria dentro do partido, ou as duas coisas, de preferência. Ser indicado pelo presidente não seria, porque a minha principal oposição política vem de São Paulo, onde é a base do presidente. A indicação do presidente poderia causar um confronto dentro do partido, o que a Dilma não causa.

FOLHA - A eleição está garantida?

TARSO - Não, não é eleição garantida. Dilma é uma candidata altamente competitiva e sua vitória dependerá de dois fatos: a capacidade de transmissão de votos do presidente, e o seu desempenho no diálogo político com a sociedade, no debate com adversários. Acho que esses requisitos serão preenchidos e ela tem grandes possibilidades de ganhar a eleição.

FOLHA - Ela nunca disputou eleição e é vista como sem jogo de cintura, pouco simpática. Essas características podem prejudicá-la?

TARSO - A Dilma já tem demonstrado uma capacidade enorme de reorganizar seu diálogo político não só dentro do PT, mas também com a sociedade. Todos os candidatos têm dificuldades. Veja o candidato Serra, forte e respeitado. Não diria que ele é propriamente uma miss simpatia. O Ciro, sabemos que tem às vezes determinadas respostas bastante duras, que o fazem chocar com o senso comum.

FOLHA - Os três candidatos são duros, incisivos...

TARSO - Não gosto muito dessa expressão, porque pode parecer ofensiva, mas [eles] não despertam imediatamente uma grande empatia em qualquer setor da sociedade, como despertou o presidente Lula.

FOLHA - A Secretaria de Direitos Humanos propôs uma revisão da Lei da Anistia, e o sr. foi a favor. Por que só agora? Faltou coragem para tratar desse tema antes, pela crise militar que poderia desencadear?

TARSO - Na verdade não se trata de revisão. Essa palavra, revisão, foi colocada por pessoas que não querem que a lei seja interpretada de maneira adequada. E cria a ilusão que se quer modificar a lei para atingir militares, o que não é verdade.

Porque aqui, no Brasil, as corporações militares, ao contrário da Argentina, não estiveram envolvidas em repressão massiva em qualquer momento do país. Participaram dos combates no Araguaia, mas aquilo é combate militar, não é repressão política nos porões como ocorreu em alguns locais mais fortemente. O que está se tratando é de se essa lei anistiou os torturadores. A Lei da Anistia é política, e esses não cometeram delitos políticos.

FOLHA - O presidente pediu para tirar esse tema da pauta?

TARSO - Não, o presidente pediu —e eu obedeci, sou um ministro disciplinado— que não fizesse essa discussão a partir do ministério, mas nas universidades, nas ruas, nas ONGs.

Petista será substituído por Luiz Barreto

Presidente sinaliza que ministros que se candidatarem serão substituídos por seus secretários-executivos

DA SU CURSAL DE BRASÍLIA

O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Teles Barreto, vai substituir seu chefe, Tarso Genro, no comando da pasta. Seu nome deve ser anunciado oficialmente pelo presidente Lula na próxima quarta-feira, quando Tarso deixará oficialmente o governo para se dedicar integralmente à campanha pelo governo do Rio Grande do Sul.

Barreto disputava o posto com o deputado federal José Eduardo Cardozo (PT-SP). Os dois nomes contavam com a simpatia do ministro, que tinha maior preferência pelo congressista —apoiado por ele em várias oportunidades para ocupar a presidência do PT.

A escolha de Barreto foi acer-

tada antecipe em despacho entre Tarso e o presidente. Lula prefere substituir os ministros-candidatos em 2010 por seus secretários-executivos para garantir continuidade no trabalho desenvolvido pelas pastas.

Ele costuma dizer aos assessores que a escolha de pessoas de fora da estrutura dos ministérios na reta final de governo poderia levar a uma paralisação das atividades em andamento.

Tarso será o primeiro ministro a deixar o governo para disputar a eleição deste ano. Ele havia pedido ao presidente para sair do cargo em dezembro do ano passado, mas Lula pediu que ele permanecesse pelo menos até o início de fevereiro.

Além dele, pelo menos outros 15 dos 37 ministros já mostraram interesse em disputar

cargos na eleição de 2010, no Legislativo, nos Executivos estaduais, e a Presidência da República, caso da ministra Dilma Rousseff (Casa Civil).

Dilma e Meirelles

A candidata escolhida por Lula para tentar sucedê-lo irá esperar a data final de desincompatibilização, no início de abril. Por enquanto, o nome mais forte para ocupar seu posto segue o mesmo roteiro adotado na Justiça: indicação da secretária-executiva de Dilma, Erenice Guerra.

A efetivação de Erenice não significa, contudo, que ela assumirá todas as funções de sua atual chefe. Dentro do governo, auxiliares do presidente Lula afirmam que a coordenação do PAC (Programa de Aceleração

do Crescimento), uma das vitrines eleitorais de Dilma na campanha, ficará a cargo de Miriam Belchior —que já auxilia a ministra atualmente na tarefa.

Entre os possíveis ministros-candidatos nesse ano, ainda existe uma expectativa sobre qual será a decisão do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. No final do ano passado, ele comentou com amigos que sua tendência era ficar no cargo e desistir de disputar um cargo nas eleições de 2010.

Ele abria apenas uma exceção naquele momento: se vice da ministra Dilma Rousseff na oita do PMDB. Essa possibilidade, segundo amigos de Meirelles, aumentou. Ele seria o vice preferido de Lula, mas esbarra na resistência dos peemedebistas a seu nome.



O secretário-executivo de Tarso, Luiz Paulo Teles Barreto

Isaac Amorim/Agência Estadão/Inf. Notícias

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.